



DIÁLOGOS UNIÃO EUROPEIA
SETORIAIS BRASIL



I ENCONTRO INTERNACIONAL DO
IDIOMAS SEM FRONTEIRAS:
INTERNACIONALIZAÇÃO E MULTILINGUISMO
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR DO BRASIL

2016



CONTATOS

ORGANIZAÇÃO

RESPONSÁVEL DA AÇÃO:

JESUALDO PEREIRA FARIAS

Isf.gab@mec.gov.br

Ministério da Educação

Explanada dos Ministérios, Bloco L,

Ed. Sede, 3º Andar

70047-900 - Brasília - Distrito Federal

+55 61 2022.8014

RESPONSÁVEL OPERACIONAL:

DENISE MARTINS DE ABREU E LIMA

deniselima@mec.gov.br

Presidente do Programa Idiomas sem Fronteiras

Secretaria de Educação Superior - SESu/Mec

+55 61 2022.8014

Conselho de Gestores de Relações Internacionais
das Instituições Federais de Ensino Superior -
CGRIFES

APOIO:

UNIÃO EUROPEIA

LÍGIA FLORES

Direção-Geral da Comissão Europeia para

Educação e Cultura

DIREÇÃO NACIONAL DO PROJETO "APOIO AOS
DIÁLOGOS SETORIAIS UE-BRASIL"

+55 61 2020.8527/1823/1704/8559

dialogos.setoriais@planejamento.gov.br

www.dialogossetoriais.org

DELEGAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA NO BRASIL

JOÃO GOMES CRAVINHO

Embaixador Chefe da Delegação da União

Europeia no Brasil

THIERRY DUDERMEL

Ministro Conselheiro - Chefe de Cooperação

ASIER SANTILLAN LUZURIAGA

Adido de Cooperação - Coordenador do Projeto

Apoio aos Diálogos Setoriais UE-Brasil

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO,

DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

DYOGO OLIVEIRA

Ministro

GLEISSON CARDOSO RUBIN

Secretário de Gestão

MARCELO MENDES BARBOSA

Diretor Nacional do Projeto

ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO:

CESO - SAMIRA OTTO

samiraotto@yahoo.com.br

+55 61 9296.6428

REVISÃO DO RELATÓRIO:

GABRIELA ROSSETTI MONTINI

rossettigabriela@gmail.com

+55 19 98174.5453

© União Europeia, 2016

As informações expressas neste relatório são de
responsabilidade de seus autores.

A reprodução deste relatório está autorizada
desde que a fonte seja devidamente citada e
referenciada.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. CERIMÔNIA OFICIAL DE ABERTURA	09
2. O PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS (ISF)	09
3. LANÇAMENTO DO APLICATIVO DO PROGRAMA	11
4. PALESTRAS INTERNACIONAIS	12
4.1. PAINEL 1: CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “Global Context of The Internationalization of Higher Education: Multiculturalism and the Role of Languages”. By Elspeth Jones	12
4.2. PAINEL 2: “Internationalization of Higher Education: Some Comparative Aspects and Management Experiences”. By Richard Stenelo and Giorgio Marinoni	14
4.2.1. “The Internationalization of Higher Education: How It Works and Institutional Challenges”. By Richard Stenelo.....	15
4.2.2. “Internationalization of Higher Education: Case Studies, Key Developments and Recommendations”. By Giorgio Marinoni	16
4.3. PAINEL 3: “Multilingualism and Mobility in Europe and Brazil”. By Carla Salvaterra and Ingrid De Saint-Georges.....	18
4.3.1. “Multilingualism and Mobility in Europe and Brazil: Policies and Practices”. By Carla Salvaterra	18
4.3.2. “Bi or Multilingual Programs and the Internationalization of Higher Education Challenges and Prospects”. By Ingrid De Saint-Georges	19
5. MELHORES PRÁTICAS NACIONAIS	22
5.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	24
5.2. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	25
5.3. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM)	27
5.4. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	28
5.5. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)	30
5.6. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	32
5.7. UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)	33
5.8. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	34

INTRODUÇÃO

O Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Superior (SESu), em parceria com o Projeto Apoio aos Diálogos Setoriais União Europeia-Brasil – coordenado pela Delegação da União Europeia no Brasil (Delbra) e pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) do Brasil –, promoveu, nos dias 25 e 26 de novembro de 2015, em Brasília, o I Encontro Internacional do Programa Idiomas sem Fronteiras: Internacionalização e Multilinguismo. Para realização do evento, houve envolvimento ativo dos parceiros europeus do Programa Idiomas sem Fronteiras: Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália e Reino Unido. Outros países multilíngues, como Luxemburgo e Suécia, também participaram do Encontro. Este exercício de compreensão mútua teve a finalidade de promover ações mais próximas entre o Brasil e os países europeus, por meio de parcerias para o ensino das línguas oficiais da União Europeia no território brasileiro.

O principal objetivo deste primeiro encontro internacional em Brasília foi o intercâmbio de experiências entre o Brasil e Estados membros da União Europeia sobre o multilinguismo, o aprendizado de línguas estrangeiras visando à internacionalização, e a mobilidade acadêmica em nível superior. Para atingir esse objetivo, foram definidas algumas metas: 1) apresentar a atual situação do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) aos representantes institucionais das universidades brasileiras parceiras; 2) apresentar as iniciativas realizadas no âmbito da SESu/MEC para o fortalecimento das ações relacionadas i) à oferta de ensino de línguas e aplicação de testes de proficiência, ii) à internacionalização e iii) à

mobilidade estudantil em 2015; 3) verificar junto aos representantes institucionais as dificuldades que as instituições de ensino superior brasileiras (IES) enfrentam na implementação do Programa IsF e do Plano de Desenvolvimento das Universidades (PDU) para Internacionalização; 4) permitir que os representantes discutissem questões da internacionalização via Núcleos de Línguas (NuLi) com especialistas da área de ensino-aprendizagem de línguas; 5) compartilhar as experiências exitosas realizadas por instituições de naturezas nacional e internacional; 6) apresentar resultados relacionados à gestão do Programa IsF e orientar sobre procedimentos administrativos.

O Núcleo Gestor do Programa IsF verificou a necessidade de se organizar uma ampla reunião presencial com todos os colaboradores IsF nomeados pelas universidades federais parceiras para auxiliar na promoção de articulações internas que favorecessem o processo de internacionalização e fortalecimento das ações do Programa IsF nessas instituições. São colaboradores do Programa: coordenadores IsF, os quais são especialistas em ensino-aprendizagem de línguas e representantes institucionais junto à SESu/MEC; coordenadores pedagógicos de língua inglesa, responsáveis pela organização dos trabalhos dos Núcleos de Línguas em funcionamento nas universidades federais parceiras; representantes dos demais idiomas pertencentes ao escopo do Programa IsF, a saber: alemão, espanhol, francês, italiano, japonês e português como língua estrangeira/adicional; representantes do setor de Relações Internacionais das universidades federais.

Com o objetivo de enriquecer os debates sobre internacionalização e multilinguismo, foram convidados cinco especialistas europeus, nos temas abordados: Elspeth Jones, da Universidade Metropolitana de Leeds (Reino Unido); Carla Salvaterra, da Universidade de Bolonha (Itália); Ingrid de Saint-Georges, da Universidade de Luxemburgo; Richard Stenelo, da Universidade Lund (Suécia); e Giorgio Marinoni, da Associação Internacional de Universidades (AIU). Cada especialista conduziu um painel sobre práticas europeias de gestão da internacionalização do ensino superior e sobre o papel das políticas linguísticas e do multilinguismo no processo de internacionalização das universidades.

Além da presença de especialistas internacionais, foram compartilhadas pelas universidades federais brasileiras experiências inovadoras sobre a articulação entre as ações do Programa IsF e do setor de relações internacionais voltadas para o processo da sua internacionalização. A experiência adquirida por meio de programas como Erasmus, Alisios e Ciências sem Fronteiras possibilitou discussões sobre a diversidade linguística, o diálogo intercultural e a formação de “cidadãos globais”, com melhores perspectivas de desenvolvimento profissional e acadêmico.

O Encontro Internacional reuniu um público de mais de 400 participantes, entre os quais:

- Gestores da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC);
- Representantes da Assessoria Internacional do MEC;

- Representantes da Divisão de Temas Educacionais do Ministério das Relações Exteriores (MRE);
- Representantes dos parceiros europeus que participam do Programa Idiomas sem Fronteiras: Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália e Reino Unido;
- Representantes do setor de Relações Internacionais das 63 universidades federais credenciadas ao Programa IsF;
- 63 coordenadores IsF e 63 representantes das relações internacionais;
- 53 coordenadores pedagógicos de língua inglesa;
- 167 representantes dos idiomas Francês, Italiano, Japonês, Alemão, Português e Espanhol;
- Autoridades responsáveis pelo Programa IsF (SESu/MEC, CAPES/MEC e SE/MEC);
- Convidados e parceiros de outros ministérios e embaixadas;
- Demais convidados, editoras e representantes de outras organizações envolvidas.

O “I Encontro Internacional do Programa Idiomas sem Fronteiras: Internacionalização e Multilinguismo” representou um marco importante para a consolidação e fortalecimento de políticas linguísticas direcionadas ao ensino superior público brasileiro, e para a internacionalização das universidades federais do país.

1. CERIMÔNIA OFICIAL DE ABERTURA

A abertura oficial deste primeiro encontro internacional teve a presença das seguintes autoridades: o ministro da educação, Aloizio Mercadante; o embaixador da União Europeia no Brasil, João Gomes Cravinho; o secretário de Educação Superior do MEC, Jesualdo Pereira Farias; o embaixador do Canadá no Brasil, Riccardo Savone; o diretor executivo da Languages Canada, Gonzalo Peralta; e a assessora da Secretaria de Educação Superior e presidente do Núcleo Gestor do Programa IsF, Denise de Paula Martins Abreu e Lima.

Incentivador do intercâmbio de conhecimentos, o embaixador João Gomes Cravinho mencionou em seu discurso o Programa Erasmus, iniciativa de sucesso que oferece apoio interuniversitário para a mobilidade de estudantes e docentes do ensino superior entre Estados membros da União Europeia e Estados associados, e também o mais recente Programa Erasmus +. Sobre a iniciativa brasileira, tema principal do evento em Brasília, declarou: “o Programa Idiomas sem Fronteiras é uma necessidade. Contem com a União Europeia como parceiro entusiasta”.

O Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, destacou a importância do Programa IsF para a mobilidade de alunos e professores brasileiros a universidades de outros países. “A partir do Ciências sem Fronteiras, identificamos que excelentes estudantes, principalmente os de baixa renda, não tinham proficiência em línguas estrangeiras, o que prejudicava o ingresso nesse programa”, lembrou, ao elogiar os avanços conquistados pelo Idiomas

sem Fronteiras desde que foi lançado, em 2012.

Em relação aos avanços do Programa IsF, a presidente do Núcleo Gestor do Programa, Denise de Paula Martins Abreu e Lima, ressaltou a evolução e expansão das atividades do IsF ao destacar que outros idiomas foram incorporados após início das atividades com a língua inglesa. “É fundamental a oferta de outras línguas e culturas para uma ampla internacionalização das universidades. Assim, foi-se abrindo espaço para línguas como o francês, o espanhol, o italiano, o alemão, e, principalmente, para o português como língua estrangeira/adicional, com o objetivo de divulgar nossa língua e nossa cultura aos países parceiros do Programa”.

2. O PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS (ISF)

A presidente do Núcleo Gestor do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) e assessora da Secretaria de Educação Superior, Profa. Denise Martins Abreu e Lima, apresentou um panorama sobre a evolução do IsF desde a sua implementação, destacando as principais ações e o impacto positivo para a comunidade acadêmica e científica brasileira. Explicou que a criação do Programa Idiomas sem Fronteiras teve início em 2012, durante a primeira gestão do ministro Aloizio Mercadante, como Programa Inglês sem Fronteiras tendo surgido de demanda das próprias universidades brasileiras. Inicialmente, o Programa IsF teve como objetivo viabilizar o desenvolvimento da proficiência em língua inglesa dos estudantes candidatos no Programa Ciência sem Fronteiras, maior programa de mobilidade acadêmica já implementado pelo governo brasileiro e responsável pela formação

e capacitação da comunidade acadêmica da educação superior brasileira em universidades estrangeiras de renome.

Denise Abreu e Lima ressaltou que, desde 2012, os coordenadores IsF, especialistas em ensino-aprendizagem de línguas das universidades públicas brasileiras, não mediram esforços para atender ao chamamento de participação e engajamento com o Programa. Em relação às três ações base do IsF (aplicação de testes de proficiência, oferta de cursos de línguas a distância e oferta de cursos de línguas presenciais) foram ofertadas pelas universidades federais mais de um milhão de vagas para o TOEFL ITP por meio de um sistema de gestão elogiado pela equipe da ETS (Educational Testing Service) nos Estados Unidos devido à sua complexidade e qualidade. Esse sistema de gestão foi desenvolvido pelo Ministério da Educação especificamente para administração das ações do Programa IsF. Ainda em relação à aplicação dos testes de proficiência, a Profa. Denise Abreu e Lima explicou que, neste momento, uma avaliação diagnóstica nacional sobre o nível de proficiência dos alunos brasileiros da educação superior está sendo concluída com mais de 300 mil resultados (testes aplicados) e participação de 145 instituições públicas de ensino superior.

Sobre a ação voltada para a oferta de cursos de línguas a distância, a presidente informou que, atualmente, há mais de 800 mil estudantes brasileiros com acesso à plataforma My English Online, curso de língua inglesa elaborado pela Cengage e financiado pela CAPES. Em relação à oferta de cursos presenciais de língua inglesa, são mais de 70 mil vagas preenchidas nos cursos oferecidos pelas 63 universidades federais que possuem Núcleo de Línguas do Programa

IsF. Os 63 NuLi contam com o trabalho de mais de 100 especialistas em língua inglesa, entre coordenadores IsF e pedagógicos, e 400 professores em formação, responsáveis pela condução das aulas e orientados pelos coordenadores pedagógicos. O foco dos cursos presenciais do NuLi é trabalhar aspectos linguísticos que viabilizem a internacionalização e a vivência acadêmica no exterior. O Programa IsF também possui um papel importante na formação de professores, uma vez que para lecionar no NuLi, o professor deve ser, preferencialmente, aluno de graduação do curso de Letras. Em relação à implementação de Núcleos de Línguas, a profa. Denise anunciou a iniciativa de plano piloto em 3 universidades estaduais para formação do NuLi do Programa IsF nessas instituições.

Na avaliação de Denise Abreu e Lima, os resultados acima apresentados são tão significativos para o ensino de línguas no país que outros idiomas foram incorporados ao Programa para ampliar a perspectiva dos estudantes brasileiros em relação à formação em línguas estrangeiras, expandindo o multilinguismo e fortalecendo a convicção de que “muito embora reconheçamos a importância da língua inglesa no meio acadêmico, é fundamental a oferta de outras línguas e culturas para uma ampla internacionalização das nossas universidades”. Dessa forma, abriu-se espaço para o alemão, o espanhol, o francês, o italiano, o japonês e, brevemente, o mandarim, além do desenvolvimento do português como língua estrangeira/adicional para divulgar a língua e a cultura brasileiras nos países parceiros do Programa. Após relatar o quadro atual das parcerias e atividades de cada um dos idiomas, Denise enfatizou o avanço das articulações com instituições estrangeiras sobre acordos de reciprocidade para o ensino do português.

Nas palavras da presidente do IsF, “nós queremos mais e podemos fazer mais com aquilo que já conquistamos. Podemos investir na formação inicial e continuada de professores, como já estamos fazendo com esses 400 bolsistas, que estão aprendendo como preparar a nossa comunidade para a internacionalização dentro e fora de casa”. Argumentou que o Programa, para bem capacitar multilinguisticamente a educação superior brasileira, não deve restringir-se apenas às suas instituições. “Podemos atender também os professores da rede pública, em parceria com a SEB (Secretaria de Educação Básica), auxiliando em sua formação linguística, a fim de que possam preparar os futuros alunos de nossas universidades. Além desse público docente, o Programa pode incluir ações direcionadas à rede de instituições da educação tecnológica, em articulação com a SETEC (Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica)”. Ressaltou que o Programa Idiomas sem Fronteiras tem contribuído significativamente para a valorização dos professores e para a discussão de políticas linguísticas no país e que a SESu também tem se empenhado para ampliar o Programa na rede de ensino brasileira através de articulações com outras secretarias do MEC.

“Estamos construindo redes, quebrando fronteiras entre Estados, inovando no ensino de línguas, criando e recriando, com as oportunidades que temos. Amanhã, avaliaremos as melhores iniciativas de internacionalização apresentadas pelas universidades com NuLi no país, e premiaremos os primeiros lugares, com a participação de nossos parceiros da Embaixada Americana, Embaixada Britânica e da Languages Canada”.

A presidente do IsF finalizou o seu discurso agradecendo a todos os participantes do Programa e às autoridades pelo seu apoio à iniciativa de uma educação sem fronteiras. “Posso falar em nome de todos os nossos representantes hoje aqui presentes que querem fazer a diferença no nosso país, auxiliando a estrutura para a internacionalização das nossas universidades, fortalecendo uma educação pública, gratuita e de qualidade”.

3. LANÇAMENTO DO APLICATIVO DO PROGRAMA

Graças à parceria da SESu com a Diretoria de Tecnologia e Informação do MEC, um aplicativo do Programa IsF para smartphones e tablets, está em pleno desenvolvimento. Thiago Coringa, especialista em TI, fez a apresentação do projeto com a demonstração visual do protótipo e a previsão do cronograma de lançamento. O principal objetivo da proposta é “utilizar smartphones e tablets como meio de comunicação para execução do Programa IsF com qualidade e agilidade”. Thiago mencionou a última pesquisa da Anatel sobre a importância do smartphone para os usuários brasileiros.

O novo aplicativo terá duas estratégias de acesso: a) a primeira, chamada de IsF-Gestão, para atender o público de gestores, com acesso diário ao Programa, em linguagem mais administrativa e voltada para a construção das ações (nos 30 dias anteriores, foi registrado o acesso de cerca de 1.800 usuários); b) a segunda estratégia de acesso, chamada de IsF-Aluno, refere-se ao acesso dos usuários, isto é, estudantes que se inscrevem

para as aplicações dos testes de proficiência e para as aulas dos cursos presenciais. O objetivo é estudar o perfil dos usuários e facilitar o acesso a informações do Programa pelos alunos.

O aplicativo, em sua concepção e estrutura, nasceu de uma proposta piloto para a SESu, e está em estudo desde 2013. Apresenta, hoje, cronograma de lançamento dividido em duas fases. A primeira fase, com lançamento previsto para a segunda quinzena de janeiro de 2016, pretende disponibilizar para o IsF-Aluno acesso a informações sobre inscrições, agenda de aulas e provas; e para o IsF-Gestão, acesso aos relatórios das atividades e ações do Programa, além de informações sobre, por exemplo, a disponibilidade de vagas nos cursos presenciais de língua inglesa. A segunda fase está com o lançamento previsto para o final do primeiro semestre de 2016, cujo foco estará na evolução do Programa IsF, ampliando as informações disponíveis para ambas as versões, o que permitirá, por exemplo, que os alunos façam inscrições nos cursos disponíveis pelo aplicativo.

4. PALESTRAS INTERNACIONAIS

4.1. PAINEL 1 – CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “GLOBAL CONTEXT OF THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION: MULTICULTURALISM AND THE ROLE OF LANGUAGES”. BY ELSPETH JONES

Elsbeth Jones é professora emérita do curso de Internacionalização do Ensino Superior

da Universidade Metropolitana de Leeds, no Reino Unido, e professora visitante em diversas universidades da Europa. Suas especialidades incluem análise de resultados pessoais e profissionais de empregabilidade de mobilidade internacional; internacionalização do currículo; cidadania global e desenvolvimento de competências interculturais. Jones tem publicado extensamente a respeito desses temas e é editora da série de livros Routledge para Internacionalização do Ensino Superior. Recebeu, da Associação Europeia para a Educação, o Prêmio Internacional de Excelência em Pesquisa. É fluente em cinco línguas. Como secretária do Conselho da Universidade de Línguas Modernas no século XXI, Elspeth Jones defendeu a promoção do estudo de línguas no Reino Unido. Ela ensinou o inglês como língua estrangeira durante anos, especialmente no Japão e em Cingapura.

Neste primeiro painel do evento, mediado pela presidente do Programa Idiomas sem Fronteiras, Denise Martins de Abreu e Lima, a professora Elspeth Jones palestrou durante 50 minutos, respondendo, em seguida, diversas perguntas encaminhadas oralmente pelo público.

Em sua apresentação, a professora abordou a internacionalização do ensino superior como uma das maiores forças de transformação e aperfeiçoamento do ensino contemporâneo. Citou iniciativas europeias de internacionalização, como o programa Erasmus, e de mobilidade, além do processo de Bolonha, visando um espaço europeu de ensino superior além das iniciativas locais de políticas de incentivo para atrair alunos estrangeiros. Para Elspeth Jones, a internacionalização é um processo com diversas dimensões: além do domínio de línguas estrangeiras, envolve

a internacionalização intercultural e global na educação e na pesquisa para todos os alunos, professores e funcionários das instituições. Segundo ela, é nesse contexto mais amplo e complexo que a internacionalização contribuirá para a formação de uma sociedade melhor. Ao longo da sua exposição, a professora explorou as diversas dimensões do conceito de internacionalização, concluindo por duas dimensões-chave de um currículo internacionalizado: perspectiva global e competências interculturais.

Elsbeth Jones discutiu vários aspectos da mobilidade internacional, com especial ênfase nos seus resultados transformadores. Tratou da competência intercultural e da confiança dos estudantes; de qualidades como a vontade de assumir riscos, a paciência, a sensibilidade, a flexibilidade e a abertura de espírito; do respeito, da criatividade e da humildade no gerenciamento das expectativas pessoais. Em termos profissionais, discorreu sobre as habilidades na empregabilidade, o trabalho em equipe, e liderança, aptidões e gestão de projetos, solução de problemas e sobre networking. A professora também abordou as habilidades necessárias à mediação e resolução de conflitos e processos de tomada de decisão.

Ao final de apresentação, a primeira questão foi levantada pela própria presidente do Idiomas sem Fronteiras, Denise Martins de Abreu e Lima, sobre o desafio do ensino de línguas estrangeiras para alunos portadores de necessidades especiais. Elspeth Jones comentou sobre algumas experiências na Inglaterra e as diferenças entre línguas de sinais (libras) ensinadas em diferentes países. Uma especialista brasileira, da Universidade Federal de Pelotas, com experiência de estudos no Reino Unido, abordou questões

sobre a metodologia de ensino nesta área e o desafio da escolha das melhores estratégias.

Outra questão levantada foi sobre a internacionalização dos currículos, relativa aos componentes considerados importantes para um currículo internacional. A professora Elspeth respondeu que não há uma única formulação sobre a matéria; currículos internacionais serão construídos a partir do conceito de internacionalização formulado por cada área de conhecimento. A experiência global tem adotado modelos a partir dos interesses de cada área de conhecimento e do respectivo conceito de internacionalização.

Representante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul perguntou sobre as melhores referências para a internacionalização das universidades brasileiras, onde o tema ainda é incipiente. Destacando que países como Rússia e China têm programas nacionais avançados, indagou se as universidades brasileiras devem se lançar de forma individual ou aguardar um programa nacional e unificado. Elspeth Jones entende que grandes programas reconhecidos internacionalmente pela qualidade e abrangência, como é o caso do MIT e de Harvard, nos EUA, têm número restrito de beneficiários. É importante que haja iniciativas por parte das universidades, mas é importante também que políticas nacionais estendam o conceito de internacionalização para as demais instituições de ensino do país. A mobilidade é só um aspecto da internacionalização.

Outra questão, de representante da Universidade Federal de Minas Gerais, disse respeito à importância relativa do investimento em

internacionalização do ensino, quando há tantos desafios internos em educação disputando investimentos. Elspeth ponderou que investimentos importantes em internacionalização podem ser feitos sem a demanda por grandes investimentos financeiros, mas apenas com tempo e disposição. Se por um lado a mobilidade geralmente demanda alto investimento financeiro, por outro o investimento na preparação da cultura institucional para a internacionalização, a internacionalização do currículo e a recepção de debates interculturais são ações importantes que não demandam grandes investimentos financeiros. A educação precisa ser debatida dentro de perspectivas globais, o que pode ser feito com ações que demandam mais tempo, visão e iniciativas locais. Pensar a internacionalização é essencial para o ensino e educação do século XXI.

Representantes da Universidade Estadual de Campinas perguntaram a Elspeth Jones sobre iniciativas para estimular uma maior produção acadêmica do Brasil no exterior. A professora citou o exemplo do Japão, falando da importância da colaboração internacional. A falta de publicação em diferentes línguas e meios acadêmicos não é só do Brasil, mas de todos os países (essa temática é abordada atualmente pela professora Elspeth, em livro a ser lançado). Ela mencionou a declaração dos recipientes do Prêmio Nobel de Química deste ano, que afirmaram a impossibilidade de construir a teoria finalmente premiada se não houvesse ocorrido troca de informações e colaboração internacional. A melhor forma de mitigar o problema é expandir as publicações internacionais.

Representantes da Universidade Federal do Pará perguntaram sobre como evitar uma abordagem sobre internacionalização restrita à perspectiva

das línguas hegemônicas. Elspeth entende que a abordagem multicultural no âmbito de uma mesma língua é uma forma de mitigar o problema. Ou seja, o estudo do francês, por exemplo, não somente a partir da cultura e valores da França, mas também do Canadá e de países francófonos africanos, oferecendo outros valores e perspectivas sobre a mesma língua.

Finalmente, representante do Ciência sem Fronteiras quis saber a opinião da professora sobre o aproveitamento da oportunidade de visibilidade dada ao Brasil a partir da implementação do Programa Ciência sem Fronteiras e a demanda, em instituições estrangeiras, pelo ensino do português para estrangeiros e de outras disciplinas sobre o Brasil. Elspeth Jones destacou o grande impacto do Ciência sem Fronteiras nos circuitos universitários internacionais e a importância de o Brasil investir no ensino da língua portuguesa para estrangeiros.

4.2. PAINEL 2: “INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION: SOME COMPARATIVE ASPECTS AND MANAGEMENT EXPERIENCES”. BY RICHARD STENELO AND GIORGIO MARINONI

No segundo painel, mediado pelo professor Márcio Venício Barbosa, Diretor do Conselho de Gestores de Relações Internacionais das Instituições Federais de Ensino Superior-IFES, (CGRIFES), cada palestrante dispôs de 40 minutos para a sua apresentação, e, ao final, ambos permaneceram para debate com a plateia, respondendo a questionamentos por aproximadamente mais uma

hora. As apresentações individuais dos professores abordaram respectivamente os seguintes temas:

4.2.1. “THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION: HOW IT WORKS AND INSTITUTIONAL CHALLENGES”. BY RICHARD STENELO

Richard Stenelo tem mais de 20 anos de experiência em internacionalização do ensino junto à Universidade de Lund, na Suécia. Atualmente, é diretor do Departamento Internacional da Universidade e suas responsabilidades envolvem a formação de parcerias internacionais, mobilidade, serviços para estudantes internacionais, marketing internacional e recrutamento. Antes disso, trabalhou como diretor de educação na Universidade de Lund. Stenelo foi aluno desta mesma Universidade, onde estudou Relações Internacionais e Ciência Política. Estudou no exterior duas vezes: um ano na Universidade de Sorbonne, em Paris e um ano na Universidade da Colúmbia Britânica (UBC), em Vancouver, Canadá.

Em sua apresentação, Richard Stenelo abordou a experiência da Universidade de Lund com políticas de internacionalização, chamando a atenção para argumentos importantes que sustentam as iniciativas daquela instituição de forte apoio à internacionalização do ensino. Como argumento político, defendeu que a internacionalização do ensino pode reforçar a posição de uma nação e o seu papel no mundo. Citou, como exemplo, a oferta de bolsas de estudos, que ultimamente teria como resultado um bom relacionamento da instituição promotora e seu país com possíveis futuros líderes mundiais nas diversas áreas da atividade humana. Como argumento econômico, afirmou que a internacionalização se faz importante

porque o mundo está cada vez mais globalizado, exigindo pessoas com conhecimento e experiência internacionais. A educação também tornou-se uma commodity, sendo hoje parte importante do financiamento das universidades. Tratando do argumento acadêmico, Stenelo sustentou que a internacionalização aumenta a qualidade da educação, tendo em vista quemuitas pesquisas e investigações são realizadas em ambientes internacionais, sendo que, para a boa promoção de uma carreira acadêmica, é necessário publicar em periódicos internacionais. Num mundo globalizado, precisa-se de ambientes e salas de aula globalizados. Sob os aspectos social e cultural, é importante porque os estudantes nacionais adquirem conhecimento sobre outras culturas e os estudantes internacionais adquirem conhecimento sobre a sua própria cultura, vista de outra perspectiva. Ao final, as universidades assumem o papel de educar embaixadores para as nações envolvidas nos intercâmbios acadêmicos.

No que diz respeito aos desafios e oportunidades, Stenelo citou diversos aspectos, entre os quais, o financiamento dos estudantes, o apoio institucional da gestão universitária e a introdução de estímulos e bolsas para estudantes de fora da União Europeia. Lembrou que a Suécia concede bolsas desde 2011, a fim de estimular o estabelecimento de uma sala de aula mundial. Mencionou problemas criados por regulamentações nacionais, uma vez que estas nem sempre estão alinhadas com os programas europeus (mobilidade, crédito one-way, Erasmus Mundus etc.), e também pela legislação sobre migração. Richard Stenelo também abordou tópicos variados, como: a saída de estudantes do país de origem e sua entrada no país de destino; a regulação recíproca de visto para estudantes suecos que desejam fazer estágio no Brasil; a

integração de estudantes internacionais, tanto em sala de aula, como socialmente; os desafios postos pela língua sueca. Ele ainda teve a oportunidade de expor seu pensamento sobre salas de aulas globais, o reconhecimento de diplomas de programas conjuntos (PhDs em regime de cotutela), a digitalização do ensino superior (Erasmus +, Uma universidade - 2) e políticas linguísticas. Ao finalizar sua apresentação, Stenelo informou que a Universidade de Lund firmou acordos recentes com universidades brasileiras e que sua instituição está aberta para o financiamento de projetos comuns.

4.2.2. "INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION: CASE STUDIES, KEY DEVELOPMENTS AND RECOMMENDATIONS". BY GIORGIO MARINONI

Giorgio Marinoni ingressou na Associação Internacional de Universidades (IAU) como gerente, em fevereiro de 2015, no comando do trabalho da Associação no campo da internacionalização da educação superior. Ele também é coordenador do Serviço de Estratégias de Internacionalização Consultivo (ISAS), um serviço da IAU para instituições de ensino superior revisarem e melhorarem suas estratégias de internacionalização. Antes de ingressar na IAU, Marinoni trabalhou por cinco anos como gerente de projetos da Rede de Universidades das Capitais da Europa, em Bruxelas, onde coordenou diversos projetos de reforma política do ensino superior, especialmente, mas não exclusivamente, em nível europeu. Ele tem experiência no setor privado e uma formação acadêmica em ciências, com quatro anos de pesquisa científica e publicações em revistas e jornais.

Em sua apresentação, Giorgio Marinoni introduziu a plataforma International Association of Universities (IAU) desenvolvida junto à Unesco, discutindo o impacto e os benefícios que a ferramenta tem promovido para mais de 600 universidades europeias, além de outras instituições e organizações afiliadas e associadas. Marinoni apresentou um quadro comparativo e atual sobre a Europa e outras regiões do mundo, incluindo a América Latina, com destaque para o Brasil. Analisou gráficos e estatísticas, sugerindo perspectivas de aprimoramento nas políticas europeias para a internacionalização do ensino superior. Apresentou dez recomendações sugeridas pelo Parlamento Europeu que poderiam, eventualmente, serem aproveitadas pelo Brasil: 1) Enfrentar os desafios de crédito e do grau de mobilidade face aos desequilíbrios, em cooperações institucionais; 2) Reconhecer a crescente popularidade dos estágios e construir opções para combiná-los com treinamento de competências linguísticas e culturais nos estudos no exterior; 3) Apoiar o papel dos docentes, e também dos gestores, no desenvolvimento da política de educação superior; 4) Promover uma maior educação para indústria de colaboração no contexto da mobilidade de estudantes; 5) Difundir a importância da "internacionalização em casa", integrando os resultados internacionais e interculturais de aprendizagem no currículo para todos os alunos; 6) Remover as barreiras que impedem a existência de diplomas conjuntos; 7) Desenvolver modelos inovadores de aprendizagem digital como instrumentos para complementar a política de educação; 8) Alinhar melhor a política de educação com a internacionalização em outros níveis de ensino (primário, secundário, profissional e educação de adultos); 9) Estimular a aprendizagem bilingüe e multilingüe no nível do

ensino primário e secundário como base para uma política linguística pautada pela diversidade; e 10) Remover as barreiras entre a internacionalização da pesquisa e a da educação, em todos os níveis, para uma maior sinergia e oportunidades.

Marinoni concluiu sua apresentação afirmando que a internacionalização da educação superior pode e deve ser uma ferramenta para instituições de ensino superior a fim de formar cidadãos e profissionais globais e propiciar a realização de pesquisas que ajudem a resolver os desafios globais.

Após conclusão das apresentações, abriu-se o painel para questões e debates. O mediador formulou a primeira pergunta, indagando se a implantação, na Europa, dos programas de reconhecimento de créditos entre países (ICTS) foi benéfica. Na visão de Richard Stenelo, os programas de aproveitamento de créditos são polêmicos, pois diferentes países têm diferentes sistemas de aproveitamento de crédito, o que, muitas vezes, ao invés de auxiliar, dificulta o processo de mobilidade. O maior foco deve ser no aluno em si; portanto, as instituições precisam avaliar cada caso, a fim de evitar exclusões e complicações. O professor Giorgio Marinoni concordou com a posição do colega, citando o Tratado de Bolonha, que ainda provoca muitas discussões e polêmicas entre as universidades europeias.

Representante da Universidade Federal do Paraná questionou Stenelo sobre a opção pela defesa de dissertações em diferentes idiomas na Universidade de Lund - se foi uma institucionalização recente, já que nas universidades brasileiras ainda não há essa possibilidade. O palestrante disse que o estímulo ao inglês sempre existiu, já que a língua sueca não

tem muita expressão no mundo, e que esta é uma tendência para estimular carreiras globais.

A última pergunta foi posta por representante da Universidade Federal do Rio Grande, questionando o paradoxo entre o conceito de internacionalização de um lado e o estímulo pelo multiculturalismo de outro lado. Perguntou como estimular a pluralidade e o multilinguismo sob o impacto e a pressão da hegemonia econômica global. Giorgio Marinoni reconheceu a importância do problema, mas afirmou que a hegemonia das línguas tem sido cada vez menor, citando como exemplo a importância do espanhol nos Estados Unidos e mesmo em certas regiões do Brasil. Entende que a questão envolve dois níveis de resposta. Uma, que depende do tipo de produção pretendida no mundo; e outra, se a nossa vida (considerada individualmente) se concentrará mais em questões de impacto global ou em questões pontuais locais. O desconhecimento de uma língua será sempre uma barreira; a barreira será maior ou menor dependendo da importância desta língua nas atividades que alguém, individualmente, pretenda desenvolver no mundo. No entanto, o que se busca, sobretudo, é o perfil de um trabalhador global.

Richard Stenelo concordou com Marinoni, e falou da importância, na Suécia, do domínio de pelo menos três línguas. O sueco e o inglês são obrigatórios e o cidadão sueco deve optar por uma terceira língua, a menos que queira ficar isolado. As empresas suecas estão no mundo todo e o conhecimento das línguas é um conhecimento de mão dupla: se conhece a cultura do outro, mas também se estabelece um canal para apresentar a sua própria cultura e se fazer conhecer.

4.3. PAINEL 3: “MULTILINGUALISM AND MOBILITY IN EUROPE AND BRAZIL”. BY CARLA SALVATERRA AND INGRID DE SAINT-GEORGES

O terceiro painel foi mediado pelo professor Waldenor Barros Moraes Filho, vice-presidente do Núcleo Gestor do Programa IsF, e seguiu a mesma dinâmica de mesa-redonda do painel anterior. Cada palestrante teve 40 minutos para sua apresentação, e, ao final, permaneceram ambas para um debate com a plateia, respondendo a questionamentos do público por aproximadamente mais uma hora. Nas apresentações individuais, as professoras abordaram respectivamente os seguintes temas:

4.3.1. “MULTILINGUALISM AND MOBILITY IN EUROPE AND BRAZIL: POLICIES AND PRACTICES”. BY CARLA SALVATERRA

Carla Salvaterra é professora do Departamento de História, Culturas e Civilizações da Universidade de Bolonha, na Itália. Envolvida ativamente com vários projetos relacionados à internacionalização da educação superior, Carla foi vice-reitora da Universidade de Bologna entre 2009 e 2015. Nesta posição, coordenou o programa de mobilidade, para a Itália, do programa brasileiro Ciência sem Fronteiras e participou do projeto Alisios, gerido pela Universidade de Coimbra (Portugal), que visa melhorar a cooperação europeia com o Brasil para qualificar a mobilidade, a educação, a investigação e a inovação.

A professora Carla ofereceu uma leitura mais voltada para as políticas de mobilidade dos programas de internacionalização na Europa, com foco na experiência do Projeto Alisios, do qual foi

gestora. Ela apresentou um quadro comparativo das estratégias brasileiras e europeias de internacionalização, lançando a seguinte questão para debate: “Como podemos usar a mobilidade e o multilinguismo para moldar nossas estratégias de internacionalização?”

Após análises e reflexões sobre casos na Europa e no Brasil, segundo a professora, a simples transposição de modelos de uma realidade para outra não é a solução mais adequada para as fragilidades nacionais, nem no Brasil, tampouco na Europa. Argumentou que o Programa Ciência sem Fronteiras colocou o Brasil no centro das atenções das instituições de ensino superior na Europa e no mundo, além de promover compreensão mútua, inovação, e novas oportunidades. O Ciência sem Fronteiras também favoreceu uma maior conscientização acerca das estratégias que sustentam fluxos de mobilidade sustentáveis e frutíferos, assim como sobre problemas estruturais. Carla Salvaterra enfatizou a importância da compreensão mútua de enquadramentos globais para a pesquisa em educação e inovação, e para o desenvolvimento estratégico da dimensão internacional do ensino superior, defendendo que o ambiente regulatório é essencial para a cooperação sustentável. A mobilidade é um gatilho para o desenvolvimento de capacidades na internacionalização com base no valor da diversidade; sua importância, para o aluno, deve centrar-se nos resultados de uma aprendizagem mais ampla e não em conteúdos concentrados no professor. Esta é uma dimensão cultural conceitual que se expressa de maneiras diferentes: conteúdo vs. aprendizagem; perfil com foco nos resultados da aprendizagem; valorização da diversidade – são perspectivas centrais para as boas práticas de reconhecimento mútuo.

De acordo com a professora, a troca de experiências entre a União Europeia e o Brasil sobre questões de reconhecimento mútuo de diplomas é item de suma importância. Ao final, apresentou as seguintes recomendações: que programas de mobilidade estruturados possam ajudar a gerar cooperação mais estreita com os parceiros das faculdades, e, nos níveis institucionais, promover a melhoria da qualidade/relevância dos programas de estudos envolvidos. A melhoria da qualidade da experiência de mobilidade é indissociável do reforço da internacionalização das instituições e cursos de educação superior, assim como da melhoria das relações universidade-empresa no que diz respeito à empregabilidade (no caso das colocações). Docentes e pessoal administrativo também precisam ser incentivados e treinados para gerir tais iniciativas e a eles devem ser dadas oportunidades para também participarem da mobilidade. Exemplos de boas práticas são os programas Cifre PAEC-OEA-GCUB, PLI e a mobilidade em nível de doutorado, que deve ser mais incentivada através de programas internacionais de colaboração e estudo/inserção no mercado, com foco na formação de estudantes e profissionais com perfil empreendedor e uma visão interdisciplinar capaz de resolver problemas complexos e implementar soluções inovadoras.

4.3.2. “BI OR MULTILINGUAL PROGRAMS AND THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION CHALLENGES AND PROSPECTS”. BY INGRID DE SAINT-GEORGES.

Ingrid de Saint-Georges é professora de Educação da Universidade de Luxemburgo, vice-diretora do Instituto de Investigação sobre o Multilinguismo e diretora do programa trilingue “Master in Learning

& Communication em Contextos Multilingue e Multicultural”, na mesma universidade. Em sua carreira acadêmica, estudou e ocupou cargos na Bélgica, nos EUA, na Suíça e em Luxemburgo, tendo sido professora convidada da Universidade de Thammasat, na Tailândia, e da Universidade de Estrasburgo, na França. Há mais de 15 anos, ela pesquisa o papel da linguagem e da comunicação para aprendizagem em contextos de trabalho. Tal contexto a levou a realizar trabalhos de campo em economia social, sobre a requalificação de jovens desempregados na indústria automotiva e sobre escolas de trabalho e transições de carreira. Depois de chegar em Luxemburgo – país trilingue, com 49% de imigrantes – em 2010, Ingrid se interessou pelo estudo do multilinguismo, passando a questionar o quanto a trajetória pessoal e profissional das pessoas, sua identidade e aprendizagem, são determinadas pelo idioma de domínio. Ela tem investigado este tema nas escolas primárias, no ensino superior, em locais de trabalho, no turismo e na mídia. É autora e editora de livros relacionados à educação e ao multilinguismo, publicados em várias línguas.

Inicialmente, Ingrid de Saint-Georges apresentou a experiência trilingue e os programas de internacionalização da Universidade de Luxemburgo, destacando o papel de todas as instituições de ensino como cultural brokers. De acordo com a professora, estamos todos fazendo o papel de brokers culturais, uns aos outros, neste evento. Intermediação cultural é o ato de construir uma ponte, ligando e mediando grupos e pessoas de diferentes origens culturais, com a finalidade de reduzir conflitos ou produzir mudanças.

Ao abordar o contexto europeu, ela perguntou porque o multilinguismo está no topo da agenda

européia e ofereceu algumas repostas: o local de trabalho é cada vez mais global; os trabalhadores têm trajetórias mais complexas e internacionais de mobilidade; novas formas de colaboração internacional, através de tecnologias, estão fazendo mais pessoas trabalharem num contexto mais internacional e multicultural; na economia do conhecimento, as línguas e a comunicação são elementos essenciais para os negócios; os centros urbanos estão cada vez mais diversificados; mais pessoas se reúnem de forma mais diversificada, utilizando mais idiomas, com status diferenciado. Isso faz com que muitas línguas tornem-se mais visíveis do que eram antes. Num contexto diversificado, surgirão questões emergenciais e paradoxais. O multilinguismo passa a ser visto, então, como um ativo e uma meta desejável para a empregabilidade, a mobilidade, a inovação e também para a realização pessoal e para a democracia europeia.

Entre as muitas questões levantadas durante sua exposição, destacam-se as seguintes: qual é o papel que as línguas vão desempenhar no mercado de trabalho num momento de contratação? Nas chances de alguém ser contratado? De ser promovido? De assumir um cargo de chefia? O trabalho será facilitado ou inibido por causa dos idiomas que se fala? As relações e interações no trabalho são as mesmas a partir do idioma (suas variedades) que se fala? Existem hierarquias, em termos de linguagem, no local de trabalho? Quem se beneficia com o multilinguismo dos trabalhadores? O trabalhador? A companhia? Os clientes?

Ao discutir os grandes desafios enfrentados em Luxemburgo, Ingrid de Saint-Georges mencionou três objetivos relacionados: conseguir um grupo

mais diversificado de estudantes; melhorar sua aprendizagem de línguas; facilitar sua transição da universidade para o mercado de trabalho.

De acordo com a professora, o que a universidade está tentando fazer: envolver-se em uma “ética do cuidado” (Adam & Groves 2007; de Saint-Georges 2012); trabalhar ambas as extremidades da trajetória (O’Connor 2008); cultivar um ethos pós-colonial de comunicação; abraçar a complexidade, seus paradoxos e contradições.

“EL CAMINO SE HACE CAMINANDO!”, finalizou.

O mediador, professor Waldenor, abriu a mesa para os debates e convidou a professora Elspeth Jones e os professores Richard Stenelo e Giorgio Marinoni a se juntarem às colegas Carla Salvaterra e Ingrid de Saint-Georges.

A primeira questão veio de representante da Universidade Federal de São João Del Rei, sobre o futuro das parcerias internacionais com o Brasil, tendo em vista que o governo já anunciou o congelamento do Ciência sem Fronteiras. A professora Carla mencionou o Programa Alisios e as boas perspectivas de futuro dos diálogos com o Brasil a partir do suporte das próprias universidades europeias. Ela entende que a suspensão, ou mesmo o fim do CsF, não impedirá as universidades de continuarem cooperando entre si e buscando formas alternativas de parceria. Stenelo informou que a Universidade de Lund já tem parcerias com diversas universidades brasileiras, além de acordos com a Capes, o CNPq e a Fapesp, e que continuará buscando a expansão desses acordos no Brasil com grande entusiasmo. Programas como Erasmus + continuarão investindo em acordos de mobilidade com o Brasil.

A professora Ingrid disse que a Universidade de Luxemburgo não tem muito envolvimento com o Ciência sem Fronteiras, mas que sua instituição está aberta e disponível para firmar protocolos de cooperação com instituições brasileiras.

Duas questões, por representante da Universidade Federal do Rio Grande, foram dirigidas a Ingrid de Saint-Georges sobre a existência de uma separação entre língua e cultura e quanto ao paradoxo de um evento que trata do multilinguismo apresentar todas as palestras em uma única língua.

Antes da professora respondê-las, o mediador, Prof. Waldenor, esclareceu que a restrição em única língua se deu por razões orçamentárias. Nesse sentido, Ingrid reconheceu que por questões muitas vezes pragmáticas, o inglês acaba sendo privilegiado - mas também argumentou que a abordagem do inglês por diferentes culturas não pode ser traduzida como hegemonia linguística, porque as abordagens são diferentes e porque a discussão é complexa. Ao se perguntar “O que é uma língua?”, muitas questões transversais são evocadas num idioma. Sendo assim, um poema de Dickinson evoca diferentes questões quando interpretado por diferentes grupos culturais, ainda que no mesmo idioma. É preciso tomar cuidado com classificações simplificadas.

Representante da Universidade Federal do Pampa perguntou à professora Ingrid como a questão da proficiência é tratada na Universidade de Luxemburgo, entre as diferentes línguas. A professora informou que os alunos são abordados e avaliados de formas diferentes, em cada disciplina, através de textos e exames, mas sobretudo a partir da proposta do próprio curso. O sistema de tutorias é muito utilizado; nele, os

próprios alunos se auxiliam mutuamente.

Representante da Universidade Federal do Oeste da Bahia indagou sobre a experiência dos professores europeus com o acompanhamento dos estudantes em programas de mobilidade acadêmica. Elspeth Jones prefere falar em “melhores práticas” da Universidade de Leeds do que em ações específicas de acompanhamento; diferentes cursos oferecem diferentes modalidades de acompanhamento, que podem ir desde a apresentação de palestras até a integração e engajamento dos estudantes. Richard Stenelo disse que no caso da Universidade de Lund, tal acompanhamento depende também do perfil dos parceiros da cooperação e da interação entre eles. Na sua avaliação, o Ciência sem Fronteiras foi uma ótima experiência para a Universidade de Lund. Carla Salvaterra sustentou que cada programa tem o seu sistema de avaliação, e isso precisa ser respeitado, um vez que os meios de controle que se mostram bons para alguns programas não são necessariamente bons para outros. Segundo a professora, o tema é complexo e desafiador.

No encerramento deste último painel, o mediador, Prof. Waldenor, pediu aos cinco professores convidados que proferissem uma mensagem final. Richard Stenelo recomendou aos administradores brasileiros que continuem estimulando o ensino das grandes línguas, mas sem descuidar do ensino das línguas menores. Carla Salvaterra se colocou à disposição para continuar o debate no fórum de discussão do programa Alisios, agradecendo a oportunidade. Elspeth Jones, Ingrid de Saint-Georges e Giorgio Marinoni também agradeceram pela rica oportunidade de diálogo com o Brasil e pela recepção e interação com os brasileiros.

5. MELHORES PRÁTICAS NACIONAIS

O Núcleo Gestor do Programa IsF visa estimular o trabalho colaborativo entre os agentes do Programa nas universidades federais (coordenador IsF, coordenador pedagógico e representante dos idiomas) e o setor de relações internacionais (RI) da universidade. O objetivo principal desse trabalho em equipe é viabilizar as ações de internacionalização para toda comunidade acadêmica. A partir de reuniões institucionais, sabe-se que parte das universidades federais já iniciou essa parceria entre Programa IsF e Relações Internacionais. Há também o grupo de instituições que está articulando iniciativas e também o grupo que ainda necessita de orientações e sugestões para iniciar este trabalho.

Para dar visibilidade a ações em andamento ou em fase de elaboração e estimular a parceria IsF-RI nas universidades em que ainda não há articulação concreta, o Núcleo Gestor convocou todos os coordenadores IsF e representantes das relações internacionais das universidades federais a produzir trabalhos referentes às ações institucionais sobre o processo de internacionalização do ensino que vem sendo posto em prática nas universidades federais com base nas atividades preparatórias e estruturantes de ensino de língua estrangeira – inglês e abriu espaço para a apresentação desses trabalhos durante o I Encontro Internacional do Programa Idiomas sem Fronteiras. Dessa forma, as equipes das instituições poderiam submeter trabalhos de duas naturezas: 1) projetos em execução, os quais deveriam discorrer sobre as ações já realizadas pelo NuLi do IsF e pela Representação Internacional, com resultados (ainda que sejam parciais); 2) projetos em elaboração, os

quais deveriam especificar ações planejadas, mas ainda não executadas, pelos Coordenadores IsF em parceria com os Representantes de Relações Internacionais.

A concepção para apresentação dos trabalhos foi estruturada em duas etapas, sendo uma primeira etapa virtual, realizada pelo ambiente de gerenciamento a distância do Programa IsF, e uma segunda etapa presencial, com a apresentação oral dos trabalhos durante o Encontro Internacional na tarde de 25 de novembro.

Para a etapa virtual, as universidades deveriam submeter um trabalho escrito, com cinco seções explícitas (introdução, contexto, proposta, plano de execução e resultados obtidos ou esperados) e um vídeo de até cinco minutos contendo o mesmo assunto do trabalho escrito. Ambos os materiais foram postados em sala específica do ambiente virtual, por meio da ferramenta fórum, para avaliação dos trabalhos. Os autores deveriam permanecer disponíveis durante um prazo específico para responder questionamentos pelo fórum feitos pelos colegas coordenadores IsF e representantes, pois o objetivo foi promover interação sobre os trabalhos.

A avaliação da etapa virtual foi realizada por comissão indicada pelo Núcleo Gestor do Programa Idiomas sem Fronteiras, composta por parceiros do Programa, que avaliaram o trabalho escrito e o vídeo, podendo utilizar as interações como auxílio na avaliação. Os critérios de avaliação foram: abrangência da ação; impacto institucional; articulação entre graduação, pós-graduação e extensão; clareza dos objetivos e fundamentação teórica; adequação do formato. De todos os trabalhos submetidos e avaliados, os primeiros oito colocados foram classificados para a segunda

etapa, que consistiu na apresentação oral presencial durante o evento.

Para a etapa virtual, foram submetidos 16 trabalhos das seguintes instituições: UFBA, UFES, UFF, UFJF, UFRGS, UFRJ, UFRN, UFRR, UFSCar, UFTM, UFU, UFVJM, UNILA, UNIPAMPA, UNIR e UNIVASF. Para a etapa virtual, foram classificados os trabalhos das seguintes universidades: UNIVASF, UFU, UFTM, UFRN, UFRGS, UFF, UFES e UFBA.

A avaliação dos trabalhos apresentados oralmente foi realizada pelos seguintes parceiros do Programa Idiomas sem Fronteiras: Embaixada do Canadá e Languages Canada, Embaixada do Reino Unido e Embaixada dos Estados Unidos. Os critérios de avaliação foram os mesmos utilizados pela etapa virtual, acrescidos de dois critérios: inovação, considerando ações adicionais ao contexto do Programa IsF, e articulação entre o Programa IsF e as relações internacionais.

Ressalta-se que os oito trabalhos apresentados foram premiados, sendo que os prêmios foram destinados ao NuLi, sendo de responsabilidade dos coordenadores do NuLi (IsF e pedagógico, quando houver) decidir qual dos professores do NuLi deveria receber o prêmio, apresentando sua justificativa ao Núcleo Gestor do Programa IsF.

Os prêmios oferecidos pelos parceiros foram:

1º colocado: curso de imersão durante dois meses em universidade canadense, com todas as despesas pagas. O(a) contemplado(a) dever ser professor(a) do NuLi da Instituição, que nunca tenha viajado para o exterior, com avaliação positiva sobre sua participação no Programa e que se comprometa a ensinar Português para estrangeiros

na instituição canadense de destino, como também ofertar turmas para professores de idiomas da escola pública quando retornar ao Brasil – prêmio concedido pela Languages Canada;

2º colocado: participação no TESOL 2016 em Baltimore para o(a) coordenador(a) do NuLi e um professor a sua escolha (com mérito de participação no Programa e que nunca tenha viajado ao exterior). Ambos devem se comprometer, ao retornar, ofertar turmas para professores de idiomas da Educação Básica em seu NuLi – prêmio concedido pela Embaixada Americana;

3º colocado: Concessão de 2 vouchers para participação no workshop sobre preparatório para IELTS com voucher para os melhores alunos das turmas a serem ofertadas pela instituição; 2 vouchers preparatórios para o exame TKT para professores de inglês, ambos concedidos pela Embaixada Britânica. Além disso, foi concedida à instituição participação na parceria com o Grupo Mais Unidos, sendo a instituição para recebimento do laboratório de idiomas a ser implementando em 2017;

1º ao 8º colocados: um voucher para cada instituição para realização do teste de proficiência IELTS, concedidos pela Embaixada Britânica. Todos os participantes se comprometem a ofertar cursos preparatórios para IELTS e participar da experiência piloto de oferta de cursos para professores de idiomas da Educação Básica.

Espera-se com participações semelhantes a construção de um modelo de compartilhamento de boas práticas de internacionalização e participação colaborativa entre os setores de idiomas da instituição e a representação de relações internacionais. O

Programa Idiomas sem Fronteiras foi construído de forma colaborativa entre os especialistas das universidades federais e com esta iniciativa, o Núcleo Gestor do Programa concretiza mais um objetivo a ser implementado pelo Programa: o de beneficiar a formação de novos profissionais para a realidade da internacionalização do ensino superior.

Na seção seguinte são indicados os oito trabalhos selecionados para apresentação oral em ordem de classificação para premiação.

5.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

- 1ª COLOCADA -

A UFBA apresentou o projeto “UFBA sem Fronteiras: ações integradas entre a Assessoria para Assuntos Internacionais e o Núcleo de Línguas da UFBA, no âmbito do Programa Idiomas sem Fronteiras, para a internacionalização da Universidade”, tendo sido representada por Roberto Andrade (assessor para Assuntos Internacionais, UFBA) e Fernanda Mota (coordenadora IsF da UFBA).

As ações de internacionalização da Universidade começaram desde a sua criação, na década de 1940, com o intercâmbio de professores; em 1996, a Assessoria de Assuntos Internacionais foi criada. Tais ações foram intensificadas com a ampliação de oportunidades através do Programa Ciência sem Fronteiras, a partir de 2012, quando a instituição passou a sentir os efeitos mais efetivos do intercâmbio com outros países. Atualmente, o contexto de internacionalização da Universidade está expresso nas propostas listadas na página da Assessoria de Assuntos Internacionais ([http://](http://www.aai.ufba.br/aai)

www.aai.ufba.br/aai), onde podem ser verificadas as seguintes iniciativas:

- Induzir e promover ainda mais a internacionalização de discentes, docentes e técnicos com instituições estrangeiras, através de intercâmbios, cursos, eventos, bolsas de estudos, estágios (remunerados ou não);
- Viabilizar, em parceria com outros setores da Universidade, acordos de cooperação bilaterais ou multilaterais com instituições estrangeiras;
- Prospectar, implementar e acompanhar acordos, convênios e programas interuniversitários internacionais;
- Gerenciar programas de intercâmbio acadêmico UFBA/universidades no exterior, e universidades no exterior/UFBA;
- Divulgar oportunidades acadêmicas internacionais junto à comunidade interna e externa da UFBA;
- Realizar missões em instituições estrangeiras de ensino superior e de pesquisa;
- Recepcionar missões de instituições do exterior em visita à UFBA. As propostas alinham-se com as metas da Coordenação Geral do NuLi UFBA, envolvendo os representantes de idiomas, a exemplo do português como língua estrangeira/adicional, espanhol, alemão, italiano e francês. Entre essas metas, destaca-se a capacitação de estudantes, de funcionários e de docentes no domínio de língua estrangeira, a partir do nível intermediário;
- Oferecer sistematicamente cursos e palestras sobre vivências acadêmicas no exterior. Houve uma primeira palestra no início de 2015 e um curso de língua francesa em torno desse tema, também em 2015;

- Organizar sessões de conversação entre alunos brasileiros e estrangeiros para trocas interculturais;
- Iniciar a construção de um Centro de Idiomas para o funcionamento das aulas do NuLi UFBA e outros cursos de ensino de idiomas na Universidade, a fim de consolidar os cursos, demarcando lugar simbólica e concretamente;
- Consolidar as políticas de apoio aos estudantes estrangeiros na Universidade.

5.2. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

- 2ª COLOCADA -

A UFES apresentou o projeto intitulado “O papel das línguas estrangeiras na internacionalização do ensino superior: um estudo de caso da Coordenação de Línguas da Secretaria de Relações Internacionais da UFES”, representada por Kyria Finardi (Coordenação de Línguas SRI/UFES), Felipe Guimarães (Coordenador do IsF/UFES) e Jane Santos (Secretária de Relações Internacionais/UFES).

A instituição, criada em 1954, possui uma Secretaria de Relações Internacionais (SRI), criada em 2012. A SRI/UFES tem como objetivos: induzir e consolidar o processo de internacionalização como estratégia para o crescimento institucional e melhoria das atividades acadêmicas; aconselhar todas as unidades acadêmicas relativamente à implementação da cooperação internacional; selecionar, preparar e divulgar informações

sobre os programas e iniciativas de cooperação internacional; divulgar oportunidades de mobilidade para a comunidade acadêmica; apoiar professores, pesquisadores e alunos de instituições estrangeiras no desenvolvimento de atividades na Universidade ou em parceria; incentivar a implementação de acordos para atividades de pesquisa em colaboração com instituições estrangeiras; manter contato com o Ministério das Relações Exteriores, bem como com as embaixadas, consulados internacionais, organizações e instituições, com vistas à promoção de ações para dar mais visibilidade internacional à Universidade.

Na UFES, os estudantes de países da África, América Latina e Caribe que mantêm acordos de cooperação com o Brasil podem participar do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Esse programa é resultado de uma cooperação entre o Brasil e países da América Latina, África e Caribe, tendo o objetivo de auxiliar jovens estudantes estrangeiros a realizar seus estudos de graduação em universidades brasileiras. A UFES recebe também estudantes de graduação da França e da Holanda através dos Programas BRAFITEC e BRANATEC na área das Engenharias. Em termos de mobilidade na pós-graduação, a UFES participa do programa PAEC-OEA, lançado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). O objetivo desse programa é aumentar a mobilidade acadêmica e o desenvolvimento regional das Américas. Em sua primeira edição, 53 alunos tiveram a oportunidade de ganhar um diploma de mestre no Brasil. No âmbito do PAEC-OEA, a UFES ofertou quatro vagas em 2013, 12 vagas em 2014, 24 vagas em 2015, e 44 vagas para início em 2016, nos cursos de mestrado e

doutorado. A partir de 2010, a UFES passou a ofertar também as licenciaturas duplas em Letras Português-Espanhol, Letras Português-Francês e Letras Português-Italiano, além da licenciatura plena em Letras-Inglês. Todos esses cursos são oferecidos na modalidade presencial.

A UFES participa do Programa Ciência sem Fronteiras (767 homologações de inscrições de alunos entre 2011 e 2014, e 250 em 2015) e do Programa IsF desde 2013. Tendo em vista as potencialidades e os desafios da SRI para a internacionalização e o papel dos idiomas estrangeiros nesse processo, em 2014 a estrutura da SRI foi repensada e dividida em quatro coordenações, a saber: Coordenação de Mobilidade para o Exterior; Coordenação de Mobilidade para a UFES; Coordenação de Acordos e Cooperação; e Coordenação de Línguas. Entre as realizações da Coordenação de Línguas, destaca-se:

- A parceira com o Programa Idiomas sem Fronteiras, contando com representantes na UFES para o inglês, espanhol, francês, italiano e português como língua estrangeira/adicional; aplicação de mais de 11 mil provas TOEFL ITP; mais de oito mil alunos no curso à distância do My English Online; oferta de 480 vagas para os cursos presenciais, com mais de três mil alunos inscritos em 2014; e a realização de palestras nos campi de São Mateus e Alegre para divulgar as ações do Programa Idiomas sem Fronteiras;
- A oferta do curso de Português como Língua Estrangeira no Centro de Línguas da UFES, seguindo o modelo CELPE-BRAS, com quase 100 alunos estrangeiros matriculados em 2014;

- 216 traduções com investimento total de mais de nove mil dólares, incluindo, além de artigos científicos, catálogos institucionais com informações sobre os cursos (graduação e pós-graduação) e a vida acadêmica nas cidades em que os campi estão localizados; legendas em inglês em vídeos institucionais da UFES; tradução (em andamento) dos currículos dos cursos de graduação e da sinalização universitária dos principais prédios da UFES;
- A criação de um projeto de extensão envolvendo alunos de graduação dos cursos de Letras como voluntários e bolsistas para apoiar a tradução de conteúdos institucionais;
- A realização de eventos como a Semana da China e a Jornada de Línguas Estrangeiras;
- A participação em eventos como o Fórum Brasil-Canadá de Idiomas, Educação e Mão de Obra e representação institucional em associações internacionais como NAFSA, EAIE, AULP e Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), entre outras;
- A recepção de delegações estrangeiras na UFES.

Com relação às ações realizadas e ainda em curso durante 2015, tem-se, além da continuação das ações anteriores, as seguintes:

- A realização de cursos e oficinas de línguas estrangeiras (inglês, mandarim, e português como língua estrangeira) e de inglês instrumental e escrita acadêmica, inclusive nos campi de São Mateus e Alegre;
- A realização de oficinas de tradução e tópicos em inglês, com o apoio de quatro assistentes da Fullbright (English Teaching Assistants);

- A oferta de curso de capacitação de Acesso e Divulgação da Produção Científica, cujo público alvo são os coordenadores e professores de programas de pós graduação na UFES, com o apoio da Biblioteca Central e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação;

- A realização de eventos como o Dia Internacional, realizado toda última quinta-feira de cada mês, sendo que em cada mês um país é homenageado; a Jornada de Línguas Estrangeiras, em parceria com o Centro de Línguas; e o US Day, em parceria com as assistentes da Fullbright;

- A realização do curso Researcher Connect, oferecido pelo Conselho Britânico por meio do Fundo Newton.

5.3. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM)

- 3ª COLOCADA -

A UFTM apresentou o projeto “Integração, internacionalização e formação universitária”, representada pelos professores Carla Regina Rachid (coordenadora pedagógica), Otavio Murad, Juliana Bertucci Barbosa, Máira Sueco Maegava Córdula (coordenadora IsF), Maria Teresa Marques Santos, Wendell Sérgio Ferreira Meira (assessor de RI) e pelo colaborador Marcus Garcia de Sene.

A instituição foi fundada em 1953 como Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM) e em 2005 transformou-se em universidade, sendo que sua dedicação ao ensino tem sido reconhecida por

diferentes indicadores nacionais. Hoje, a UFTM conta com 25 cursos de graduação em seu campus na cidade de Uberaba e dois cursos de graduação no novo campus em Iturama, inaugurado em 13 de fevereiro de 2015. Na graduação, a Universidade tem um total de 5.489 alunos matriculados (dados relativos ao segundo semestre de 2015); ainda conta com 11 cursos de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) com 422 alunos neles regularmente matriculados. Desses, 130 alunos estão participando de programas de mobilidade acadêmica e 1.651 realizaram o teste do TOEFL ITP no ano de 2015.

A proposta apresentada neste projeto está dividida em três linhas de ações:

- Institucionalização da internacionalização: validação da realização do TOEFL ITP pelas matrizes curriculares institucionais (AACC); validação de TOEFL para dispensa em disciplinas e como comprovante de proficiência para entrada em programa de pós-graduação na instituição e em outras instituições; comunicação visual: placas e adesivos de identificação em vários campi; projetos de extensão universitária e apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos; desenvolvimento da plataforma SAIU (Sistema de Acompanhamento de Intercambistas Universitários);
- Comunicação: tradução do site oficial da Universidade (UFTM, 2015); tradução de notícias sobre projetos voltados para o público estrangeiro (português-inglês); divulgação em inglês no blog do NuLi UFTM (nucliuftm.com, 2015) e em flyers distribuídos pela Universidade sobre projetos de pesquisa ou extensão desenvolvidos na UFTM; café virtual acadêmico

com participação de English Teaching Assistants (ETAs) sobre vida acadêmica, universitária e cultural, retratando a realidade da graduação no exterior. Divulgação da cultura em Língua Estrangeira: I. Embaixador universitário da França – aulas de conversação, cinema em francês; II. ETAs – aulas de conversação, workshops e cursos variados. Comunicação eletrônica criativa: email, Facebook (ISFUFTM, 2015 e NUCLIUFTM, 2015), uso de memes; comunicação institucional: página da UFTM via SISCAD (Sistema de matrícula) e email aos servidores e diretores de departamentos;

- Integração da comunidade: mural (selfie e testemunhos); evento cultural: Cultural Saturday; padlet: espaço virtual colaborativo para testemunhos escritos, orais, vídeos e memes.

5.4. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

- 4ª COLOCADA -

A UFF apresentou o projeto “Sextas de Babel: compartilhando culturas e experiências em língua adicional”, representada pelas professoras Kátia Valério Modesto (coordenadora IsF) e Bianca Pimentel Berk (coordenadora pedagógica-ínglês).

A graduação em Letras da Universidade oferece licenciaturas duplas, contemplando cinco línguas estrangeiras: alemão, espanhol, francês, inglês e italiano; e os bacharelados ofertam formação em francês, italiano e alemão. Anteriormente

à implantação do Idiomas sem Fronteiras, os docentes desses setores já coordenavam dois programas que oferecem cursos nesses cinco idiomas: o Programa de Línguas Estrangeiras Modernas (PROLEM), que atende a comunidade local; e o Programa de Universalização de Línguas Estrangeiras (PULE), que atende a comunidade acadêmica gratuitamente. Criado em 1996, o PROLEM é um programa de extensão da UFF que viabiliza o ensino de idiomas estrangeiros em sintonia com o compromisso social da universidade pública, oferecendo cursos do interesse da comunidade. Quanto ao PULE, trata-se de um projeto criado em 2012 com o apoio do Programa de Internacionalização da UFF. Por iniciativa da Superintendência de Relações Internacionais (SRI) da Universidade e como parte das políticas de inclusão da universidade pública brasileira, seu objetivo é viabilizar o ingresso de um segmento social menos privilegiado nos programas de mobilidade internacional. Os critérios de seleção dos alunos integram rendimento acadêmico e análise socioeconômica; o curso é totalmente gratuito, fornecendo seu material didático sem custo para o aluno, sob regime de empréstimo (REIS e MACIEL, 2015). O PULE dialoga com diversas instâncias da UFF e seus instrutores são alunos das licenciaturas duplas da Universidade – o que agrega valor à sua formação –, supervisionados por professores doutores dos respectivos cursos. O programa hoje atende seus alunos em seis semestres – a partir do nível A0 até o nível B1 do Quadro Comum de Referência Europeu –, o que garante uma perfeita integração com os cursos ofertados até o momento pelo NuLi IsF-UFF, que contemplam o aluno a partir do nível A2. Inicialmente implantado na sede (em Niterói), hoje

o PULE se expande para os campi no interior do estado do Rio de Janeiro, atendendo alunos em Volta Redonda, Rio das Ostras e Campos dos Goitacazes.

Em termos quantitativos, as licenciaturas duplas contam, neste momento, com 578 alunos, e os bacharelados, com 125, atendidos por 36 professores. O PROLEM, por sua vez, soma 1.372 alunos e 54 professores, e o PULE, 600 alunos e 31 professores. Com 400 alunos em média, o NuLi IsF-UFF tem dez professores; em 2016, dois English Teaching Assistants (ETAs), designados pela Fulbright, poderão prestar inestimável contribuição para a implantação do Programa. Conta-se também com a parceira de programas de pós-graduação em Estudos de Linguagem e Estudos de Literatura; além disso, há diversos programas de mobilidade fomentados pela SRI, que trazem graduandos de diversos países ansiosos por estabelecer contatos e partilhar experiências. Todo esse contingente seria contemplado pelo projeto, que ainda buscará incluir a parceria da Fundação Municipal de Educação de Niterói, que tem corpo docente ávido por qualificar-se. Essa parceria já vem sendo implementada através de pesquisas (área de Estudos de Linguagem do programa de pós-graduação) e nos cursos de licenciatura através de projetos como o Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência (PIBID), que envolvem ensino de línguas. O projeto pretende abrir caminhos para a interação entre diversos segmentos voltados para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras da UFF e os docentes da rede pública de ensino básico do município de Niterói, propiciando momentos de aprendizagem autênticos, criando laços entre os integrantes desses vários segmentos e fomentando uma visão multicultural. Para isso, serão promovidos eventos

culturais imersivos mensais, abertos a todo esse público, que contemplem cada um dos cinco idiomas-alvo dos cursos de licenciatura – inglês, francês, espanhol, alemão e italiano. As atividades a serem desenvolvidas nesses eventos poderão adquirir diversos formatos, de acordo com a vocação dos públicos:

- “Sextas de Babel” poderá convidar palestrantes de outras instituições, assim como especialistas de diversas áreas, não necessariamente envolvidos com o ensino de línguas estrangeiras (LE);
- Espera-se, no entanto, que a maior parte dos eventos possa ser conduzida por palestras sobre aspectos da cultura da língua adicional, seguidas de debate; palestras sobre temas de interesse geral, seguidas de debate; aulas abertas enfocando aspectos culturais; filmes, seguidos de debate;
- Rodas de conversa sobre temas de interesse geral; atividades voltadas para a saúde ou outras áreas, realizadas na língua-alvo; atividades voltadas para a vida acadêmica; gincanas, jogos e atividades lúdicas, desenvolvidas na língua-alvo;
- Saraus, com mostra de poesias, esquetes e música na língua-alvo;
- Ações dos English Teaching Assistants que chegarão para o IsF em fevereiro de 2016 e ações de professores do IsF que, porventura, tenham turmas ociosas;
- Estímulo a alunos de graduação, cuja participação será revertida em atividades complementares;
- Estímulo a alunos da pós-graduação,

cuja participação contará como atividade acadêmica;

- Apresentações de estudantes e professores do PULE, PROLEM ou IsF, que desejarem expor algum tema de sua especialidade na língua-alvo. Para a seleção das apresentações, será constituída uma comissão de professores e coordenador de cada programa para selecionar os expositores, cuja intervenção será revertida em nota de desempenho oral do aluno;
- Estudantes de mobilidade poderão falar de seus países ou de sua experiência no Brasil;
- Professores da rede municipal de ensino básico poderão apresentar temas de sua escolha, desde que previamente aprovados pelos responsáveis pelo “Sextas de Babel”;
- O apoio do Instituto de Letras da Universidade se dará por intermédio do fornecimento da infraestrutura para os eventos, da participação de seus alunos nas “Sextas de Babel” e da contabilização dessa participação como atividade complementar, pela Coordenação da Graduação, e como atividade acadêmica, pela Coordenação da Pós-graduação;
- PULE, PROLEM e IsF participarão por intermédio da atuação de seus alunos, de seus professores, e, eventualmente, dos docentes que os coordenam. Contribuirão também na medida em que atribuírem notas orais para apresentações e intervenções em debates e rodas de bate-papo nos encontros.

Além de responder pela participação do PULE, a SRI será parceira na divulgação dos eventos junto aos alunos integrantes dos programas de mobilidade por ela promovidos. Além disso, seu

apoio será estratégico, junto com a Assessoria de Comunicação da UFF, assim como de outras instâncias necessárias para a realização dos eventos.

5.5. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

- 5ª COLOCADA -

A UFU apresentou o projeto “Internacionalização sem Fronteiras: estratégias de implementação no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em parceria com a Diretoria de Relações Internacionais (DRI)”, representada pelos professores Ivan Marcos Ribeiro (coordenador do NuLi), Daisy Rodrigues do Vale e Alice Cunha de Freitas (coordenadoras pedagógicas), Raquel Santini e Leandro Rade (da Diretoria de Relações Internacionais).

A Universidade conta com mais de 30 mil membros em sua comunidade acadêmica, divididos entre alunos de graduação, pós-graduação e extensão, educação a distância, docentes e servidores. Possui cursos de excelência e com grande visibilidade no cenário nacional. Na pós-graduação, há vários cursos em todas as áreas do conhecimento e muitos alunos e pesquisadores têm colocado a UFU num cenário de pesquisa altamente relevante. A Universidade possui cursos com conceitos CAPES 3 a 7, e tende a melhorar suas notas com o empenho da comunidade acadêmica como um todo. No campo da extensão, a UFU promove cursos e eventos que pautam a diversidade cultural nacional e local, sendo a

comunidade externa um grande alvo de divulgação das pesquisas e de saber.

Neste contexto geral, situa-se a atuação dos integrantes do Programa Idiomas sem Fronteiras, cujo público alvo consiste na comunidade interna: estudantes, docentes e servidores. Nesse sentido, os esforços do NuLi UFU têm sido direcionados para a criação de cursos e atividades que estejam à altura das necessidades e interesses dos diversos cursos e setores acadêmicos, a fim de otimizar os serviços e a competência linguística em cada unidade da instituição. Tais cursos tem sido sistematicamente oferecidos e alguns dos que mais provocam o interesse da comunidade são aqueles nos quais a competência oral do aluno é desenvolvida.

Assim, a partir de suas necessidades e do reconhecimento da urgência das ações para projeção da Universidade no cenário internacional, faz-se necessário pensar uma lista de prioridades a serem executadas pelo NuLi IsF UFU em parceria com a Diretoria de Relações Internacionais, como se segue:

- Tradução ou versão dos sites gerais da UFU (oficial e pró-reitorias) para o inglês e outros idiomas, além da tradução dos sites das unidades acadêmicas (graduação) e dos cursos de pós-graduação; confecção de material informacional em inglês e outros idiomas, a saber: flyers, cartazes, banners para divulgação internacional;
- Criação de um help desk para auxílio aos membros da comunidade internacional, localizado nos espaços da Diretoria de Relações internacionais e com cooperação do NuLi, quando houver demanda; oferta de

cursos e atividades de natureza específica, com especial ênfase nos cursos de graduação, pós-graduação e serviços essenciais para a comunidade internacional;

- Capacitação de alunos para cursos com professores visitantes: neste caso, o professor do Idiomas sem Fronteiras seria um mediador entre aqueles professores e os alunos, promovendo consultoria, monitoria e atendimento para esses alunos. Capacitação do professor da UFU, quando do seu interesse, em montar um curso de determinada disciplina em língua inglesa; neste caso, o professor do IsF auxilia o professor da disciplina, bem como os seus alunos, a “falarem a mesma língua” durante o curso. Articulação com as coordenações dos programas de pós-graduação para a criação de atividades a distância (oferta de cursos, vídeo e webconferências, palestras, divulgação de pesquisas) por live streaming ou via download;
- Criação de uma plataforma que abrigue os cursos mencionados acima, com acesso da comunidade internacional, no intuito de divulgar o trabalho da UFU em língua inglesa e em outros idiomas. Oferta de cursos de idiomas para servidores da Universidade que recebem o público estrangeiro (como por exemplo, servidores das coordenações de curso, das bibliotecas, dos restaurantes universitários, da Diretoria de Relações Internacionais, da Diretoria Acadêmica).

Todas essas atividades têm sido pensadas e sistematizadas com a Diretoria de Relações Internacionais, tornando-se viáveis na medida em que haja recursos direcionados para esse fim.

5.6. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)

- 6ª COLOCADA -

A UFRN apresentou o projeto “Internacionalização, um projeto institucional”, representada pelos professores Márcio Venício Barbosa (representante de RI e do CsF) e Edilson Rubens Lopes de Souza (Coordenador do IsF).

A estrutura para internacionalização da Universidade, no início, era um órgão de apoio ao Gabinete do Reitor. Atividades de internacionalização, como o PEC-G, do qual a UFRN participa desde os primeiros anos (projetos relacionados aos acordos bilaterais da CAPES), não passavam por essa assessoria e não havia um planejamento maior para uma experiência além das fronteiras nacionais.

Em 2009, foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Institucional, que estabeleceu como meta a internacionalização da UFRN, exigindo ações mais efetivas para que essa área se institucionalizasse. No mesmo ano, a antiga Assessoria de Assuntos Internacionais foi transformada em Secretaria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (SRI), assumindo a função de reorganizar e institucionalizar o processo de internacionalização da UFRN. Paralelamente, foi criado o Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, o DLLEM, que apresentou como primeiro projeto a implantação de um centro de línguas na UFRN, imediatamente apoiado pela SRI e pela Reitoria. No ano seguinte, estava criado o Instituto Ágora, que passou a atuar em três eixos: ensino de

línguas estrangeiras, tradução, e exames de proficiência. Com essa organização interna, a UFRN já se encontrava preparada para enfrentar o novo contexto que se configuraria para a internacionalização do ensino superior brasileiro nos anos que se seguiriam.

Em 2011, com o lançamento do Programa Ciências sem Fronteiras, a UFRN já contava com uma estrutura capaz de responder com eficiência aos inúmeros problemas que surgiram repentinamente. A Universidade implantou um processo de seleção interna dos candidatos; elaborou e aplicou testes de proficiência quando as universidades parceiras aceitavam a certificação pela própria universidade de origem dos estudantes; criou um setor de Apoio Linguístico na SRI para providenciar a tradução de documentos oficiais para três línguas: inglês, francês e espanhol.

Em 2012, com a crescente exigência do TOEFL pelas universidades estrangeiras, a UFRN esteve entre as primeiras universidades a postularem a implantação de um centro aplicador. Essa medida foi apoiada incondicionalmente pela Reitoria e a SRI investiu seu próprio orçamento na adequação dos espaços da instituição para a aplicação do exame. Essa providência foi vista como uma importante ação social, uma vez que muitos dos alunos, em grande parte sem recursos, eram obrigados a viajar para fazer o exame em outras cidades, já que Natal contava com pouca oferta. Por esse motivo, a UFRN mobilizou suas superintendências de Infraestrutura e de Informática, assim como a Segurança Interna do Campus, para que dessem total apoio às aplicações do TOEFL iBT. Assim permitiu-se aos alunos, sobretudo aos de baixa renda, uma redução nas despesas de sua preparação para a mobilidade. Nesse campo, a SRI

promoveu uma ação pioneira, em parceria com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, que passou a financiar não só o exame de proficiência, mas também a obtenção de passaporte e vistos a todos os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Ao mesmo tempo, foram estabelecidas também as normas internas, aprovando no CONSEPE uma resolução para a mobilidade discente, incluindo o tema no Regulamento da Graduação e lançando editais específicos para cada programa. Esse trabalho proporcionou segurança para, até 2015, serem enviados mais de 1.300 alunos ao exterior através do Ciências sem Fronteiras, entre os 1.600 enviados nesse período. Além disso, foram traduzidos mais de três mil históricos e outros documentos exigidos pelos diferentes programas. Mais tarde, com o surgimento do Programa Inglês sem Fronteiras e a implantação do NuLi na UFRN, a SRI assumiu a organização desse projeto, investindo os recursos necessários e convidando colaboradores entre os professores do Instituto Ágora. Desde o início, a SRI, o Instituto Ágora, o Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas e a direção do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes atuaram em conjunto nessas ações, o que permitiu a Universidade responder imediatamente a cada demanda surgida.

Para tornar todo o trabalho mais ágil, a SRI está concluindo um módulo de internacionalização no sistema de gestão acadêmica e administrativa da UFRN, que permitirá a digitalização de todos os processos de estabelecimento de acordos, de mobilidade IN e OUT e de emissão eletrônica de documentos oficiais em línguas estrangeiras.

5.7. UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)

- 7ª COLOCADA -

A UNIVASF apresentou o projeto “NuLi e ARI: Ações Integradas da UNIVASF”, representada pelos professores Isnaldo José de Souza Coêlho, Fúlvio Torres Flores, Célia Virgínia Alves de Souza, Patrícia Rogéria Mariano, Gabriela Gonçalves Caldas e Denise de Sousa Fernandes.

Para a implantação do projeto, faz-se necessário uma sala apropriada, dividida internamente em dois ambientes: uma sala ampla de reuniões, climatizada, com mesa oval de dez a 12 lugares, equipamentos de mídia (lousa digital, monitor de vídeo com 52” ou maior, microfones e câmaras), que atenda a requisitos de acústica e iluminação comparáveis aos de um estúdio de gravação; uma antessala suficientemente ampla para abrigar um escritório com quatro a cinco birôs/estações de trabalho, uma impressora e/ou equipamento multifuncional em rede, armários com portas e arquivos de pastas suspensas.

A operacionalização desse espaço depende: 1) da implantação de uma política de fomento a ações efetivas na aproximação entre grupos de trabalho cooperativo interinstitucionais e internacionais; 2) da implantação de critérios de utilização baseados na comprovação de mérito acadêmico, traduzido na articulação de esforços voltados à formalização de acordos bilaterais internacionais; 3) do envolvimento de pessoal capacitado e comprometido a fazer face às demandas internas (da comunidade acadêmica) pela formalização de

convênios de cooperação técnico-científica ou até mesmo às possíveis demandas externas (das empresas, instituições públicas e privadas) pelo apoio consultivo a iniciativas de negócios com foco em mercados estrangeiros e/ou em turismo de oportunidade.

5.8. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

- 8ª COLOCADA -

A UFRGS apresentou o projeto “IsFx – UFRGS: um portal de Inglês para Fins Específicos (IFE) e Inglês para Fins Acadêmicos (IFA)”, representada pelas professoras Ana Eliza Pereira Bocorny, Anamaria Welp, Ana Fontes e Márcia Velho; pelo professor Nicolas Maillard (RELINTER); pela bolsista de Extensão SEAD Vivian Lameira, pelo bolsista PIBIC CNPq Guilherme Vieceli; pelos professores do IsF Fernanda Soldateli e Pedro Reis; e pela bolsista administrativa do IsF, Bibiana Finkler.

O projeto da Universidade é alinhado com as políticas de fomento ao desenvolvimento da Educação a Distância (EAD) no âmbito da instituição, que são reveladas no edital UFRGS EAD 19 (2014) da SEAD.¹ Tal edital trata do apoio a projetos vinculados a quatro linhas de ação: (1) produção de cursos online; (2) pesquisas em Educação a Distância; (3) construção de objetos de aprendizagem; e (4) produção de livros didáticos digitais para plataformas móveis. O enfoque temático a ser adotado nesta pesquisa,

portanto, não pertence a uma única disciplina ou área do conhecimento. Ele é interdisciplinar e transdisciplinar na medida em que busca a solução do problema descrito, a partir da articulação de elementos de diferentes disciplinas, valorizando a cooperação, o livre trânsito e o diálogo de um campo de saber com outro. Mais especificamente, o projeto perpassa três diferentes áreas do conhecimento, encontrando-se na interface entre (i) Linguística, Letras e Artes, (ii) Ciências Humanas, e (iii) Ciências Exatas.

O objetivo principal do projeto é o desenvolvimento de um objeto tecnológico sob a forma de um portal online, amigável, multimeios, colaborativo e de livre acesso, no qual o conhecimento relativo ao IFE e ao IFA (inicialmente as habilidades de leitura e escrita), a ser desenvolvido de forma colaborativa e a partir do levantamento do perfil, das necessidades e das preferências da nossa comunidade acadêmica, é construído e disponibilizado por meio de diferentes recursos e ferramentas online. Desta forma, o IFE e o IFA tornam-se mais acessíveis, podendo também ser usados de forma integrada às aulas presenciais de inglês instrumental e às aulas presenciais dos cursos de IFA do Programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês.

Mais especificamente, o que se pretende com este projeto é desenvolver e disponibilizar inicialmente OAs e MOOCs. Os OAs tratarão de estratégias de leitura e de redação de gêneros acadêmicos (resumos, resenhas e artigos) e de estratégias de leitura de gêneros profissionais (p. ex., manuais, especificações técnicas, relatórios). Os MOOCs serão desenvolvidos para as diferentes áreas de conhecimento da Universidade, a partir de áreas prioritárias definidas pela instituição. A opção por um modelo híbrido, que mescla elementos

presenciais e virtuais, se justifica como forma de minorar um dos maiores problemas de modelos de EAD, e que repete, por exemplo, com os MOOCs: a evasão. É importante lembrar que o modelo híbrido já é utilizado pelo MEC no Programa Idiomas sem Fronteiras, no qual o elemento presencial se concretiza em cursos oferecidos pelos NuLi, e o elemento virtual, com o My English Online.

1. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/sead/editais/editaisufrgsead/edital-21201-5> > Acesso em: 08 nov 2015.

